

## Tradução da tragédia fragmentária *Édipo* de Eurípides

Waldir Moreira de Sousa Junior

### 1. Nota introdutória

Apresento a tradução integral dos fragmentos sobreviventes da tragédia *Édipo* de Eurípides (TrGF 5.1, 539a-557). Utilizei a edição do texto grego de C. Collard e M. Cropp<sup>1</sup> (Loeb Classical Library, 2008), que, por sua vez, segue a numeração dos fragmentos estabelecida por Kannicht (*Tragicorum Graecorum Fragmenta* 5).

A datação da peça *Édipo* é incerta. Não há nenhuma informação a respeito de premiação, nem sobre a que trilogia trágica ela teria pertencido. Considerando-se questões métricas, a saber, os tetrâmetros trocaicos dos fragmentos 545 e \*545a, sugere-se uma data posterior a 415 AEC, pois esse metro é encontrado na obra de Eurípides apenas a partir de *As Troianas*, de 415 AEC<sup>2</sup>.

Delinear os contornos exatos do enredo da peça é uma tarefa altamente conjectural, como veremos abaixo. No total, chegaram até nós apenas 77 versos, muitos deles lacunares, provenientes de papiros publicados na década de 1960<sup>3</sup> e de citações de outros autores, como Clemente de Alexandria (séculos II-III EC) e Estobeu (século V EC). À vista disso, apresento nesta nota introdutória um quadro sintético dos problemas concernentes à ação dramática da peça<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Eurípides. *Oedipus*. Edited and Translated by Cristopher Collard and Martin Cropp. Cambridge: Harvard University Press, 2008.

<sup>2</sup> Ver Collard (2008, p. 7). Ao mesmo tempo, porém, segundo o estudioso, o estilo dos trímetros jâmbicos sugere um período entre 419-406 AEC.

<sup>3</sup> P.Oxy 2455 fr. 4 col. iv, 41 (começo do segundo século EC) e P.Oxy. 2459 (quarto século EC). Igualmente, é da década de 60 o maior número de estudos publicados sobre esta peça: Turner (1962), Lloyd-Jones (1963), Snell (1963) e Vaio (1964).

<sup>4</sup> Para uma análise completa de todos os pormenores da reconstrução da trama de *Édipo*, ver Liapis (2014).

Como ponto de partida, devemos notar que Eurípides se insere dentro de uma tradição trágica que utilizou amplamente o mito da família tebana dos Labdácidas. De Ésquilo temos notícia da trilogia formada por *Laio*, *Édipo* e *Sete contra Tebas* (467 AEC<sup>5</sup>), e de Sófocles conhecemos o *Édipo Rei* (429 AEC) e *Édipo em Colono* (406 AEC). Segundo Collard (2008, p. 3), o “*Édipo* de Eurípides teria dramatizado o mesmo período de eventos da peça *Édipo Rei* e, provavelmente, da peça *Édipo* de Ésquilo”.

Na verdade, de acordo com o testemunho de João Malalas (século VI EC, *Cronografia* 2.17 Thurn; test. ii), a trama estaria centralizada em Édipo, Jocasta e Esfinge<sup>6</sup>. Ademais, segundo a Hipótese da peça (test. iii), *Édipo* de Eurípides se abriria com o verso: “Embora Apolo então não permitisse, ele semeou um filho...” (F 539a). Como essas personagens interagem entre si dramaticamente, contudo, é questão em aberto e muito debatida entre os estudiosos.

Aparentemente, o prólogo apresentaria uma narrativa mítica, traço comum das peças euripidianas. O fragmento 539a, mencionado acima, é o único que, seguramente, pode ser alocado nesta parte do drama. É possível identificar os personagens de quem o verso faz menção: “ele” seria Laio e “um filho” seria Édipo. Em outra tragédia do mesmo autor, *As Fenícias*, observamos um caso semelhante. Faz-se aí menção ao nascimento de Édipo contra os desígnios de Apolo (a narração é feita por Jocasta):

[Apolo] responde: “Senhor de Tebas [Laio] dos belos  
corcéis, não semeies filhos contra a vontade divina.  
Se gerares uma criança, tua cria te matará,  
e toda tua casa andar­á por entre sangue<sup>7</sup>.”

Em *Édipo*, porém, não é possível identificar o personagem que teria pronunciado essa narrativa. Vaio (1964, pp. 47-49) identifica quatro personagens possíveis: Hermes, Édipo, Jocasta e Creonte. Liapis (2014, p. 355), por sua vez, reduz o número de

---

<sup>5</sup> O drama satírico formando a tetralogia seria *Esfinge*.

<sup>6</sup> ὁ γὰρ σοφώτατος Εὐριπίδης ποιητικῶς ἐξέθετο δρᾶμα περὶ τοῦ Οἰδίποδος καὶ τῆς Ἰοκάστης καὶ τῆς Σφιγγός - “O sapientíssimo Eurípides produziu um drama sobre Édipo, Jocasta e Esfinge”. Todos os trechos traduzidos nesta nota introdutória são de lavra do autor.

<sup>7</sup> Versos 17-20, situados no prólogo, dentro do chamado “monólogo de Jocasta”. Como vemos, é Apolo o autor do oráculo. Eurípides utiliza o mesmo verbo, σπείρω, em ambas as peças. Tradução de Sousa Junior (2015).

possibilidades a apenas dois personagens, Jocasta e o pastor que recebeu o recém-nascido Édipo dos pais.

Outros possíveis fragmentos pertencentes ao prólogo seriam F 540, 540a e 540b, que narram os atos da Esfinge<sup>8</sup>. Vaio (1964, p. 47) e Liapis (2014, p. 311), porém, concordam em não situá-los nessa parte: para eles, esses fragmentos contêm uma detalhada descrição da Esfinge, o que não se ajustaria ao estilo euripídiano, sempre sucinto e restrito aos fatos essenciais do enredo. De fato, para Liapis (2014, p. 355), a narrativa contida aí seria clara e direta: “pode-se razoavelmente assumir que o prólogo teria narrado como o bebê [Édipo] foi dado a um pastor para ser abandonado e, conseqüentemente, morrer”.

A respeito de Édipo, é mister entender primeiramente qual momento de sua vida a peça estaria representando. A partir de F 543, que contém uma fala atribuída a ele, Robert (1915) e Turner (1962) afirmam que, desde o início da ação dramática, este personagem já estaria casado com Jocasta. Para os autores, igualmente, o casal já teria filhos. O fator complicador, porém, aparece em um fragmento anterior, F 541, que apresenta duas informações cruciais: 1) Édipo já está cego, e seu cegamento foi causado pelos serviçais de Laio, não pelas suas próprias mãos<sup>9</sup>; 2) Édipo é considerado por esses serviçais como filho de Pólibo, não de Laio, seu verdadeiro pai.

Em outras palavras, podemos afirmar que há, no decorrer da ação dramática, uma etapa em que Édipo ainda não teria descoberto sua verdadeira identidade. Assim, uma vez que F 541, segundo Liapis (2014, pp. 317-18), pertenceria ao início da peça<sup>10</sup>, levantamos a hipótese de que a questão central do drama seja a revelação da verdadeira identidade de Édipo como filho de Laio e Jocasta.

---

<sup>8</sup> Como vimos acima, Malalas afirma que ela é parte central na trama, mas não há indícios de que essa personagem atue representada por um ator.

<sup>9</sup> Vaio (1964, pp. 54-5) ainda levanta outra questão sobre a cegueira de Édipo: teria se tornado ele cego durante o desenvolvimento da ação dramática ou em um momento anterior ao início da peça? Para o estudioso, “o ponto de vista de que a cegueira ocorre durante o curso da ação permanece o mais plausível”. Vaio ainda admite a possibilidade de encenação desse evento em pleno palco, ou seja, às vistas da plateia, mas prefere entender esse momento como ocorrido fora do palco e narrado por um mensageiro.

<sup>10</sup> A argumentação de Liapis, na verdade, traz outros problemas, como a autenticidade de F 541. Supondo-o autêntico, Liapis nota o problema de situá-lo como clímax da peça: como os serviçais de Laio, que seriam então os serviçais de Édipo, cegariam o seu próprio rei? Se o cegamento de Édipo se deu quando este chegou a Tebas, por que os serviçais de Laio (que saberiam ser Édipo o assassino de Laio) o teriam apenas cegado? Não deveriam também tê-lo matado? Ver lista exaustiva de todas as possibilidades de enredo em Liapis (2014, pp. 318-321).

Nesse sentido, precisamos averiguar se há fragmentos que sugeriram a ocorrência da chamada ἀναγνώρισις (“reconhecimento”). Em F 549, por exemplo, Édipo faz menção de “um dia” (ἦμαρ <ἐν>) responsável por trazer “muitas mudanças.” É possível que esse “dia” em questão, a partir do qual adviria toda sua desgraça, seja aquele em que ele descobre sua identidade. Em *As Fenícias* (1689), Édipo igualmente atribui a “um dia” (ἐν ἦμαρ) a causa de sua ruína: “Em um dia fui feliz, em um dia me arruinei<sup>11</sup>”.

Corroboram nossa hipótese dois versos (11-12) de F \*545a. A fala é de Jocasta, e ela se dirige a Édipo: “Eu mesma hei de suportar, sofrendo contigo, o teu sofrimento/ e hei de amparar-te em todas as agruras, nunca me amargurando”. Para Collard (2008, p. 4), essa fala deve ser entendida como referência ao momento em que a verdadeira identidade de Édipo é revelada. Neste ponto, então, a peça possivelmente atinge o seu clímax<sup>12</sup>.

Tais são as conjecturas para a trajetória de Édipo. Com relação à atividade dramática de Jocasta, pouco se pode afirmar sem hesitação. A participação da mãe de Édipo pode ser visualizada em quatro fragmentos. Em todos eles Jocasta soa sentenciosa e apotegmática. Em F 545 e em F \*545a, encontramos reflexões sobre as virtudes da boa esposa. Em F 548 ela louva o bom senso e o juízo em detrimento da beleza. Por enfatizar os valores matrimoniais, podemos entender que ela permanece resolutamente ao lado de seu esposo, apesar da desgraça que o acomete, como ela relata, em F 551: “a cobiça, que arruína o coração de muitos mortais, / causou sua perdição [de Édipo], **juntamente com a minha**” [negrito nosso].

Quanto ao seu destino na peça, voltamos ao terreno de uma investigação hesitante. Os estudiosos voltam a discordar entre si. Collard (2008, p. 4) nota que “quando a verdade a respeito de Édipo é revelada, Jocasta não se suicida, por vergonha, como em Sófocles e Homero, mas permanece viva, decidida a compartilhar a culpa e o

---

<sup>11</sup> Tradução de Sousa Junior (2015). O primeiro dia seria aquele em que consegue resolver o enigma da Esfinge. O outro, aquele em que descobre sua verdadeira filiação (donde tomaria consciência que matara seu pai e desposara sua mãe). O prólogo de *As Fenícias* também alude a um “reconhecimento”. Jocasta relata que Édipo casara-se sem saber (οὐκ εἰδὼς, 53) que sua noiva era sua mãe, e que o infortúnio acomete a vida de Édipo quando ele toma ciência desse fato (59-62).

<sup>12</sup> Ver discussão sobre autenticidade deste fragmento em Stephanopoulos (2012).

sofrimento de Édipo”. Por outro lado, Liapis (2014, p. 356) admite o suicídio como um resultado plausível<sup>13</sup>.

Depois de Jocasta, resta-nos investigar os sucessos de Creonte. Nesse sentido, F 551 também nos dá ensejo a discutir sobre ele. Como visto acima, Jocasta atribui à “inveja”, “cobiça” (φθόνος) a perdição de seu filho e a sua própria. Estudos recentes tendem a relacionar a desgraça de Édipo à ação de Creonte. Para Collard (2008, p. 23), por exemplo, é possível que a “inveja” mencionada por Jocasta seja aquela de Creonte com relação a Édipo. Entendimento semelhante apresenta Liapis (2014, p. 355).

Entre os fragmentos sobreviventes, porém, apenas um é atribuído a Creonte, F 554a – note-se ainda que a atribuição da fala a esse personagem é duvidosa. Desse modo, parece-nos precipitado e insuficientemente verificável culpar-se Creonte pela desgraça de Édipo. Claro está que ele obstinadamente planeja punir com severidade Édipo (talvez com exílio). Não necessariamente, contudo, devemos associar o temperamento inflexível de Creonte a uma intenção de se aplicar um “golpe” contra o rei de Tebas. Em *As Fenícias* (1626) Creonte também aplica rispidamente o exílio a Édipo, mas não há como se inferir daí que ele deliberadamente desejasse tomar o poder<sup>14</sup>.

Na verdade, em *Édipo*, o filho de Jocasta parece proclamar seu autoexílio. Seus atos (finais?) guardam certas semelhanças com aquilo que se sucede ao Édipo de *As Fenícias*. Nesta peça, ele vive recluso no palácio (a mando de seus filhos que querem escondê-lo da cidade, 64-5) e, ao fim, ele parte em exílio para Atenas<sup>15</sup> (1705-07). Em *Édipo*, é provável que ele tenha também se encerrado no palácio, longe da vista de todos<sup>16</sup> (F 553), e que ele tenha tido, afinal, como destino de exílio igualmente a cidade de Atenas (F 554b).

---

<sup>13</sup> O autor não cita nenhum fragmento para corroborar sua hipótese. Uma possibilidade seria apresentar o “κἀμὲ συνδιώλεσεν” (F 551) como indício da morte de Jocasta, o que, todavia, parece-nos um argumento fraco. O verbo da expressão grega proferida por Jocasta (“συνδιώλεσεν”) é comumente utilizado na tragédia e não necessariamente indica a morte do personagem (ver, por exemplo, Sófocles, *Édipo Rei*, 442; Eurípides, *Electra*, 921). Ademais, o fato de Jocasta permanecer viva é utilizado por Eurípides também na peça *As Fenícias*.

<sup>14</sup> Em *As Fenícias*, o mando da cidade é passado para Creonte por ordem de Etéocles. Creonte exila Édipo por causa de um oráculo de Tirésias: a cidade não prosperaria se Édipo continuasse a viver em Tebas (1584-1594).

<sup>15</sup> Em *Édipo Rei* de Sófocles, Édipo deseja se ocultar de moto próprio (1410-15).

<sup>16</sup> Os verbos utilizados por Eurípides para descrever essa situação são semelhantes nas duas peças: *As Fenícias* (64) – ἔκρυψαν; *Édipo* – ἐπικρύπτεσθαι.

Tais são as informações depreendidas estritamente dos fragmentos. É grande a dificuldade de se reduzir o enredo da peça a uma narrativa clara e unívoca. Liapis (2014, p. 355) argumenta que grande parte desses fragmentos seja espúrio, o que alteraria a percepção do drama acima delineada. De toda forma, para concluir, proponho a seguir um resumo esquemático de todo o trabalho feito acima. Note-se que todos os fatos arrolados abaixo são passíveis de discussão.

1)(prólogo?) narrativa do nascimento de Édipo contrário ao oráculo de Apolo – narrativa da chegada da Esfinge em Tebas e do enigma proposto por ela (para cessar o morticínio na cidade?);

2)Serviçais de Laio cegam Édipo, ainda tido como filho de Pólibo (narrativa ou evento dramatizado no palco?);

3)Édipo inicia peça já casado com Jocasta e com filhos;

4)*Reconhecimento* – descobre-se a verdadeira identidade de Édipo (Peribeia<sup>17</sup>?);

5)Auto-reclusão de Édipo;

6)Creonte pune Édipo;

7)Exílio de Édipo.

## 2. *Édipo de Eurípidés*

539a (= fr.adesp. 378n)

Φοίβου ποτ' οὐκ ἔῶντος ἔσπειρεν τέκνον...

---

<sup>17</sup> Liapis (2014, p.356) sugere que a ἀναγνώρισις da peça, ou seja, o reconhecimento da verdadeira identidade de Édipo se daria por meio de um personagem que possuía informações suficientes para desconfiar de Édipo. Hoje é impossível identificá-lo apenas com os fragmentos supérstites. Hose (1990), no entanto, avança a hipótese de que tal personagem seja Peribeia, a esposa de Pólibo que adotou e criou o recém-nascido e abandonado Édipo. Hose constrói sua hipótese a partir de três fontes: *Fábulas* de Higino (66-67), *As Fenícias* (44-45) e o “Escólio de Pisandro”, escólio do verso 1760 de *As Fenícias*. A história seria a seguinte: ao se tornar rei de Tebas, Édipo envia de presente a Pólibo a carruagem que Laio utilizava quando foi morto. Peribeia chega a Tebas com tal carruagem, donde se chega à conclusão de que foi Édipo quem matou Laio. Por causa disso ele teria sido cego (F 541) pelos serviçais de Laio. Peribeia então seria quem narraria a verdadeira história de Édipo.

Embora Apolo então não permitisse, ele semeou um filho...

540

πυρσ]ωδῆ τε βοστρύχ[ων] φόβην·

οὐραν δ' ὑπί]λασ' ὑπὸ λεοντόπουν βάσιν

καθέζετ', εἴτα] δ' ἀποφέρουσ' ὠκύπτερον

]ν ἐπιπα . . ιριζ [.]ν χρόνῳι

]ν διήλεσε . . φυλλων φόβην 5

ὅταν μεθῆι τε] προσβάλῃ τ' ἀγαῖς πτερόν·

εἰ μὲν πρὸς ἴπ]πους Ἥλίου, χρυσοπὸν ἦ[ν

νότισμα θηρ]ός · εἰ δὲ [πρ]ὸς [νέ]φος [βάλῃ,

κυανωπὸν ὄ]ς τις Ἴρ[ις ἀντηύ]γει [σέλας.

Ígneo cacho das melenas:

envergando a cauda sob as patas leoninas,

senta-se; em seguida, recolhe a ágil asa...

... no tempo

perpassa o cacho de folhas... 5

quando quer que a asa aos raios de luz estenda e expanda.

Se na direção dos poldros do Sol, dourada é

o dorso da besta; se às nuvens ela se lança,

rebrilha azulínea flama, como um arco-íris.

540a

]μον ἐλίπομεν [ 2

]πων ἴσταντ' ἀ[

σ]υρίξασ' ί...[	
] αἴνιγμ' ἤ μαι[φόνος κόρη	5
ἐ]πειποῦσ' ἐξάμετ[ρ' ἀφῆκ' ἔπη	
ἔστι τι φωνῆ]εν· ζύνεσιν δ' ἔχο[ν	
τέτραπον ἠδὲ δί]πουν τι τρίπο[υν	
]νῆ τρισὶ δ' [	
]ίν δ' ἄρσεν κα[ἶ	10
]·εὔεις ἢ πάλιν β[	
]ὸν ὕμνον οπ[	
] ὑμεῖς λέξ[ατε	
Retiramo-nos...	2
Sobrestavam eles...	
Sibilava em som de flautim...	
Um enigma a letífera donzela,	5
Pronunciando versos hexâmetros, expediu:	
Dotado de voz, tem intelecto,	
Algo tetrápode, então dípode, trípode...	
Em três...	
Masculino e...	10
Novamente...	
O hino...	
Vós haveis de dizer...	

540b

ἀν]ταγωνιστῆ[ι]

Antagoniza-lhe...

541

ΛΑΪΟΥ ΘΕΡΑΠΩΝ

ἡμεῖς δὲ Πολύβου παῖδ' ἐρείσαντες πέδωι  
ἐξομματοῦμεν καὶ διόλλυμεν κόρας.

**Serviçal de Laio:**

Nós, oprimindo o filho de Pólibo ao rés do chão,  
cegamo-lo, esmorecendo-lhe as meninas-dos-olhos.

542

οὔτοι νόμισμα λευκὸς ἄργυρος μόνον  
καὶ χρυσός ἐστιν, ἀλλὰ κάρητῆ βροτοῖς  
νόμισμα κεῖται πᾶσιν, ἧι χρῆσθαι χρεών.

Realmente, a clara prata não é moeda corrente,  
nem o ouro, mas a humanidade encontra na  
virtude todo o mérito, e esta deve ser utilizada.

543

<ΟΙΔΙΠΟΥΣ >

μεγάλη τυραννὶς ἀνδρὶ τέκνα καὶ γυνή

<

>

ἴσην γὰρ ἀνδρὶ συμφορὰν εἶναι λέγω

τέκνων θ' ἁμαρτεῖν καὶ πάτρας καὶ χρημάτων

ἀλόγου τε κενῆς, ὡς μόνων τῶν χρημάτων

< >  
ἢ κρεῖσσόν ἐστιν ἀνδρὶ, σῶφρον' ἢν λάβηι. 5

<Édipo<sup>18</sup>>

Grande poderio sobre os homens exercem filhos e mulher

< >

Pois, para um homem, é igual desgraça, afirmo,  
negligenciar filhos, pátria, e bens materiais  
assim como cara esposa, já que somente a riqueza...

< >

Sim, é melhor para o homem, se ele obtiver sensata (esposa)... 5

544

ἄλλως δὲ πάντων δυσμαχώτατον γυνή

Ademais, a mulher é a mais indevassável dos seres.

545

<ΙΟΚΑΣΤΗ>

πᾶσα γὰρ δούλη πέφυκεν ἀνδρὸς ἢ σῶφρων γυνή,  
ἢ δὲ μὴ σῶφρων ἀνοίαι τὸν ξυνόνθ' ὑπερφρονεῖ.

<Jocasta>

Toda mulher sensata é escrava de seu esposo,  
a insensata, porém, despreza o parceiro por desatino.

---

<sup>18</sup> Os sinais < > indicam que o texto ou a identificação do falante está omitida na fonte e foi preenchida ou deixada incompleta pelos editores.

\*545a<sup>19</sup> (=909 N)

<ΙΟΚΑΣΤΗ>

οὐδεμίαν ὄνησε κάλλος εἰς πόσιν ξυνάορον,  
ἀρετὴ δ' ὄνησε πολλάσ· πᾶσα γὰρ κεδνὴ γυνή,  
ἥτις ἀνδρὶ συντέτηκε, σωφρονεῖν ἐπίσταται.  
πρῶτα μὲν γε τοῦθ' ὑπάρχει· κἂν ἄμορφος ᾗ πόσις,  
χρῆ δοκεῖν εὐμορφον εἶναι τῆι γε νοῦν κεκτημένη· 5  
οὐ γὰρ ὀφθαλμὸς τὸ <ταῦτα> κρίνειν ἐστίν, ἀλλὰ νοῦς  
εὖ λέγειν δ', ὅταν τι λέξῃ, χρῆ δοκεῖν, κἂν μὴ λέγῃ,  
κάκπονεῖν ἂν τῶι ξυνόντι πρὸς χάριν μέλλῃ πονεῖν.  
ἠδὲ δ', ἦν κακὸν πάθητι, συσκυθροπάζειν πόσει  
ἄλοχον ἐν κοινῶι τε λύπης ἡδονῆς τ' ἔχειν μέρος. 10  
σοὶ δ' ἔγωγε καὶ νοσοῦντι συννοσοῦσ' ἀνέξομαι  
καὶ κακῶν τῶν σῶν ξυνοίσω, κούδεν ἔσται μοι πικρόν.

### <Jocasta>

A beleza não dignifica esposa alguma aos olhos do marido,  
mas a virtude dignifica a muitas. Toda zelosa esposa,  
que em uma se dissolve com o marido, sabe ser prudente.  
Eis um princípio fundamental: mesmo sendo rude o marido,  
a esposa deve tê-lo, com os olhos da razão, como belo. 5  
Não é o olhar que faz o julgamento, mas o bom senso.  
Quando ele fala, bem ou mal, é mister julgar que fala bem;  
é mister empenhar-se em labor que dê prazer ao companheiro.  
Agradável será a esposa trazer semblante triste se algo o despraz,

---

<sup>19</sup> O sinal “\*” indica que o fragmento é identificado como de Eurípides, mas é apenas conjecturalmente atribuído a tal peça.

bem como compartilhar com o esposo as penas e deleites.

10

*(Para Édipo):*

Eu mesma hei de suportar, sofrendo contigo, o teu sofrimento,  
e hei de amparar-te em todas as agruras, nunca me amargurando.

546

<ΧΟΡΟΣ?>

πᾶσα γὰρ ἀνδρὸς κακίων ἄλοχος,

κἂν ὁ κάκιστος

γῆμηι τὴν εὐδοκιμοῦσαν.

<Coro?>

Pois toda esposa é inferior ao seu marido,  
mesmo que o mais vil dos homens  
despose uma mulher de boa reputação.

547

ἐνὸς <δ’> ἔρωτος ὄντος οὐ μί’ ἡδονή·

οἱ μὲν κακῶν ἐρῶσιν, οἱ δὲ τῶν καλῶν.

Sendo um embora o amor, não é um só o prazer:  
uns amam o que é vil, outros o que é bom.

548

<ΙΟΚΑΣΤΗ?>

νοῦν χρὴ θεᾶσθαι, νοῦν· τί τῆς εὐμορφίας

ὄφελος, ὅταν τις μὴ φρένας καλὰς ἔχη;

<Jocasta?>

É preciso contemplar a mente, a mente: de que vale  
a formosura quando não se tem bom senso?

549

<ΟΙΔΙΠΟΥΣ?>

ἀλλ' ἦμαρ <έν> τοι μεταβολὰς πολλὰς ἔχει.

<Édipo?>

Mas, nota bem, <um> só dia traz muitas mudanças.

550

<ΟΙΔΙΠΟΥΣ?>

ἐκ τῶν ἀέλπτων ἢ χάρις μείζων βροτοῖς  
{φανεῖσα μᾶλλον ἢ τὸ προσδοκώμενον}

<Édipo?>

Para os mortais, mais júbilo vem do que é inusitado  
{que se manifesta mais do que quando algo é aguardado<sup>20</sup>}

551

<ΙΟΚΑΣΤΗ?>

φθόνος δ' ὁ πολλῶν φρένα διαφθείρων βροτῶν  
ἀπώλεσ' αὐτὸν κάμῃ συνδιώλεσεν.

---

<sup>20</sup> Os sinais “{ }” indicam que o texto é julgado inautêntico.

<Jocasta?>

A cobiça, que arruína o juízo de muitos mortais,  
causou sua perdição, juntamente com a minha.

552

πότερα γενέσθαι δῆτα χρησιμώτερον  
συνετὸν ἄτολμον ἢ θρασύν τε κάμαθῆ;  
τὸ μὲν γὰρ αὐτῶν σκαιόν, ἀλλ' ἀμύνεται,  
τὸ δ' ἡσυχαιὸν ἀργόν· ἐν δ' ἀμφοῖν νόσος.

Qual dos dois seria realmente mais vantajoso:  
ser inteligente e timorato, ou ousado e estulto?  
Um é desajeitado, mas se resguarda, o outro é  
pacífico, mas improdutivo; o cancro está em ambos.

553

<ΟΙΔΙΠΟΥΣ?>

ἐκμαρτυρεῖν γὰρ ἄνδρα τὰς αὐτοῦ τύχας  
εἰς πάντας ἀμαθές, τὸ δ' ἐπικρύπτεσθαι σοφόν.

<Édipo>

É um disparate revelar o homem as próprias  
desventuras para todos; encobri-las é sábio.

554

πολλάς γ' ὁ δαίμων τοῦ βίου μεταστάσεις  
ἔδωκεν ἡμῖν μεταβολάς τε τῆς τύχης

O nume nos concede muitas revoluções na vida,  
assim como muitas mudanças de fortuna.

554a (=1049 N)

<ΚΡΕΩΝ?>

ἐγὼ γὰρ ὅστις μὴ δίκαιος ὢν ἀνὴρ  
βωμὸν προσίξει, τὸν νόμον χαίρειν ἐῶν  
πρὸς τὴν δίκην ἄγοιμι' ἂν οὐ τρέσας θεούς·  
κακὸν γὰρ ἄνδρα χρὴ κακῶς πάσχειν ἀεὶ.

<Creonte?>

Quem quer que injusto seja e se abrigue no altar,  
eu mesmo me dispensaria de seguir os costumes  
e o levaria ao tribunal sem temer os deuses:  
um homem vil deve sempre sofrer vilezas.

554b

<ΟΙΔΙΠΟΥΣ?>

ὦ πόλισμα Κεκροπίας χθονός,  
ὦ ταναὸς αἰθήρ, ὦ...

<Édipo?>

Ó urbe da terra de Cécrope,  
ó expansível céu, ó...

\*\*555<sup>21</sup>

ἀλλ' ἡ Δίκη γὰρ καὶ κατὰ σκότον βλέπει

Claro é: a Justiça tudo vê, até entre a escuridão.

556

τόν θ' ὕμνοποιὸν δόνα[χ', ὄν ἐκτρέφει Μέ]λας

ποταμὸς, ἀηδὸν' εὐπνῶων αὐλῶν σοφὴν.

O cantante jun[co é nutrido ricamente pelo Ne]gro  
Rio, o qual bem alenta o destro rouxinol das flautas.

---

<sup>21</sup> O sinal “\*\*” indica que o fragmento é conjecturalmente atribuído a Eurípides.

## Referências bibliográficas:

- COLLARD, C., CROPP, M. *Euripides: Fragments*. Cambridge: Harvard University Press, 2008.
- HOSE, M. Überlegungen zum ‘Oedipus’ des Euripides. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, v.81, p. 9–15, 1990.
- LIAPIS, V. The Fragments of Euripides’ *Oedipus*: A Reconsideration. *Transactions of the American Philological Association*, v. 144, n.2, pp. 307-370, 2014.
- LLOYD-JONES, H. Review of E. G. Turner et al. *The Oxyrhynchus Papyri 27*. *Gnomon*, v.35, p. 433–55, 1963.
- ROBERT, C. *Oidipus: Geschichte eines poetischen Stoffs im griechischen Altertum*. Berlin: Weidmann, 1915.
- SNELL, B. Der Anfang von Euripides’ *Oedipus*. *Hermes*, v.91, p.120, 1963.
- SOUSA JUNIOR, W. *As Fenícias de Eurípides: estudo e tradução*. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: (<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-29062015-152739/>>. Acesso em: 2015-07-15.
- STEPHANOPOULOS, T. Euripides oder Pseudo-Euripides? (Eur. fr. \*545a Kn. = 909N2). *Logeion*, v.2, p.100-120, 2012.
- TURNER, E. 2459. Euripides, *Oedipus*. *The Oxyrhynchus Papyri, Part 27*, London, p.81-86, 1962.

VAIO, J. The New Fragments of Euripides' *Oedipus*. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, v.5, p.43–55, 1964.

wsousajr@yahoo.com

Bacharel em Letras (Grego/Português) pela Universidade de São Paulo

Mestre em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo

Doutorando em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo

Data de envio: 30 de abril de 2015.

Data de devolução: 02 de julho de 2015.

Data de publicação: 10 de setembro de 2015.